



A humanização da Vida Religiosa, a partir da parábola do bom Samaritano



Frei Everton Ricardo Berny Machado, OCD

Es brasileiro, sacerdote carmelita teresiano. Estudió filosofía y teología y luego se especializó en formación para la Vida Religiosa. Actualmente es vice-provincial y maestro de novicios. Reside en el Centro de Espiritualidad Monte Carmelo, en Londrina - Paraná, Brasil.

Resumen Nesse artigo, refletiremos sobre o texto do Bom Samaritano, buscando perceber a nossa realidade atual e tirando lições para o desafio de humanizar a Vida Religiosa Consagrada. Embora a reflexão seja feita na perspectiva da Vida Consagrada, sua leitura não impede uma visão mais ampla, abrangendo todos os estilos de seguimento a Jesus Cristo.

En este artículo, reflexionamos sobre el texto del Buen Samaritano, buscando percibir nuestra realidad actual y sacando lecciones frente al desafío de humanizar a la Vida Religiosa Consagrada. Aunque la reflexión se propone en la perspectiva de la Vida Consagrada, su lectura no impide una visión más amplia, abarcando a todos los estilos de seguimiento de Jesucristo.

O 1º Congresso Internacional da Vida Consagrada realizado em 2004, que teve como tema “Paixão por Cristo, paixão pela humanidade”, elegeu dois ícones evangélicos para orientar as suas reflexões: a Samaritana, junto ao poço de Sicar (Jo 4,1-42) e o Samaritano, na estrada de Jerusalém a Jericó (Lc 10,25-37). Nenhum dos dois ícones foi tradicionalmente aplicado à Vida Consagrada, mas eles podem fornecer a inspiração da qual a Vida Consagrada tem necessidade neste momento de “noite escura”. Queremos afirmar como São João da Cruz em seu poema: “Que bem sei eu a fonte que mana e corre mesmo de noite” (CRUZ, 1996, p. 44). A fonte é o próprio Deus e a sua Palavra.

Encontramos nesses dois ícones luzes significativas para o seguimento a Jesus num mundo marcado pela desumanização. Jon Sobrino, em sua obra “O Princípio Misericórdia”, recorda que precisamos despertar do “sono da inumanidade”, que nos mantém adormecidos no egoísmo humano. Esse se expressa na indiferença frente ao sofrimento alheio. A Vida Religiosa Consagrada não está isenta desse vírus e por isso precisa confrontar-se continuamente com a Palavra de Deus.

Nesse artigo, refletiremos apenas sobre o texto do Bom Samaritano, buscando perceber a nossa realidade atual e tirando lições para o

desafio de humanizar a Vida Religiosa Consagrada. Embora a reflexão seja feita na perspectiva da Vida Consagrada, sua leitura não impede uma visão mais ampla, abrangendo todos os estilos de seguimento a Jesus Cristo.

1. Chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão

O texto que nos inspira é Lc 10,25-37, onde encontramos a chamada parábola do Bom Samaritano. Eis o texto:

²⁵E eis que um legista se levantou e disse para experimentá-lo: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” ²⁶Ele disse “Que está escrito na lei? Como lê?”

²⁷Ele, então, respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo”.

²⁸Jesus disse: “Respondeste corretamente; faz isso e viverás”. ²⁹Ele, porém, querendo se justificar, disse a Jesus: “E quem é meu próxi-

mo?” ³⁰Jesus retomou: “Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto. ³¹Casualmente,

descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. ³²Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu.

³³Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. ³⁴Aproximou-se, cuidou de suas chagas,

derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados. ³⁵No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: “Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei”. ³⁶Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” ³⁷Ele respondeu: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. Jesus então lhe disse: “Vai, e também tu, faz o mesmo”. (Lc 10,25-37).

Podemos estruturar o tecido-texto desta parábola da seguinte forma:

- A) Início do diálogo entre o legista e Jesus (v 25-28).
- B) O legista pergunta a Jesus (v 29).
- C) O homem está semimorto (v 30).
- D) O sacerdote e o levita vêm e passam adiante (v 31-32).
- E) O samaritano moveu-se de compaixão (v 33).**
- D') O samaritano viu e se aproximou (v 34).
- C') O homem está bem cuidado (v 35).
- B') Jesus pergunta ao legista (v 36).
- A') Conclusão do diálogo entre o legista e Jesus (v 37).

As seqüências A e A' referem-se ao conflito. Uma introduz e outra conclui o conflito entre a postura do legista e a postura de Jesus. O legista é um letrado conhecedor da Lei e de suas artimanhas, aborda com facilidade a Lei. Representa o judaísmo preso à Lei e aos costumes religiosos, toda essa estrutura mobiliza a vida das pessoas, impedindo-as de socorrer a vida humana, onde ela está sendo ameaçada.

Jesus apresenta outra proposta. Ele não ignora a Lei, mas não a absolutiza, acima de tudo está a vida. A questão apresentada pelo legista é teórica, a resposta de Jesus é a prática “Vai, e também tu, faze o mesmo” (Lc 10,37). A questão abordada pelo

legista é a vida eterna. A resposta de Jesus remete à vida terrena, a compaixão com aqueles que estão caídos nos caminhos do mundo e requerem a nossa solidariedade.

As seqüências B e B' referem-se a duas perguntas. Uma feita pelo legista, outra feita por Jesus. O legista pergunta: “E quem é meu próximo?” (Lc 10,29). Jesus não responde ao questionamento feito. Ele não mostra quem é meu próximo, mas explica como devemos nos fazer próximos dos outros. A pergunta de Jesus em Lc 10,36 revela essa preocupação. “Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” Ou seja, qual dos três

tornou-se próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?

As seqüências C e C' mostram duas realidades, uma, antes do samaritano ser movido pela compaixão e outra, posterior. O texto mostra que o homem que caiu nas mãos dos assaltantes foi deixado semimorto (Lc 10,30). O homem foi despojado, espancado e abandonado, essa é a sua situação inicial. Mas o samaritano compassivo prestou-lhe os cuidados necessários para que pudesse restabelecer a sua vida.

Identificamos dez atitudes do samaritano em favor da vida daquele desconhecido: (1) chegou junto dele; (2) viu-o; (3) moveu-se de compaixão; (4) aproximou-se ainda mais; (5) cuidou de suas feridas; (6) colocou em seu próprio animal; (7) conduziu-o à hospedaria; (8) dispensou-lhe cuidados; (9) pagou o hospedeiro e (10) prometeu, em seu regresso, dar a paga por tudo que fizessem em favor do desvalido. De semimorto, o homem está bem cuidado, pois encontrou-se com o samaritano que tinha a compaixão como princípio norteador de sua vida.

Em D, encontramos dois personagens; o sacerdote e o levita. A atitude deles é similar: ambos vêem o caído e passam adiante. São totalmente indiferentes às dores do próximo. Aquele homem semimorto nada representa para o seu sistema religioso. As leis chegam a proibir o contato com pessoas que estejam sangrando, para não se tornarem impuros. Em D' temos um certo samaritano, um estrangeiro, considerado pagão pelos judeus, ele também vê o caído, mas ao invés de passar adiante, ele se aproxima. Esse gesto é essencial para chegarmos à centralidade do Evangelho.

O versículo 33 é o centro dessa perícopes, nele encontramos a ação principal. “Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão”. Ao ver e se aproximar daquela cena de dor e sofrimento, o samaritano não ficou insensível, preso a leis e a preceitos religiosos, mas desde suas entranhas, seu ser se moveu numa atitude de compaixão. É a atitude mais bela de solidariedade para com os que sofrem. Essa atitude é a do próprio Jesus, ele é o Bom Samaritano da

humanidade. A partir da compaixão, começa a empregar todas as suas forças e seus bens, em favor da vida do homem desvalido. “A compaixão leva-o a pôr tudo o que tem à disposição do ferido: óleo, vinho, montaria, tempo e dinheiro” (ALANCASTRO, 1993,p.50).

2. Ver e aproximar-se

Há, certamente, algumas palavras que se destacam no texto. A primeira delas é a palavra: “próximo”. Ela aparece em Lc 10, 27.29.36. A repetição dessa palavra por três vezes estaria indicando aqui a centralidade que “próximo” possui nesse ensinamento. Nisso tanto o legista, como Jesus, estão de acordo; no entanto, o ponto divergente é a concepção de próximo.

Próximo para o legista é o israelita que observa a Lei e que, portanto, não é um pagão. O intuito do legalista era de pôr limite e os que não são os próximos podem ser excluídos da solidariedade. Sua visão reduz o conceito de

próximo àqueles que pertencem ao seu grupo de relacionamento. Já para Jesus, “próximo” é uma questão de atitude, nos tornamos próximos dos outros por nossas ações misericordiosas.

Outra palavra repetida mais de uma vez é o verbo “ver” (Lc 10,31.32.33). Há três modos de ver uma mesma situação. No centro encontramos um homem semimorto, sobre ele temos três olhares. São olhares distintos, pois representam pontos de vistas diversos. Por conseguinte as atitudes também não serão as mesmas.

O sacerdote (Lc 10,31) vê desde sua função ritualista, não poderá se contaminar com o semimorto. O mesmo acontecerá com o levita (Lc 10,32) que possui um grande conhecimento do código da pureza, presente no livro do Levítico. A atitude de ambos será a indiferença: “viu-o e passou adiante” e “viu-o e prosseguiu”. O ponto de vista do samaritano (Lc 10,33) é outro, não é a Lei, mas sim, o necessitado, a vida ameaçada. Ele se coloca no lugar

do homem semimorto, sente com ele o sofrimento e por isso, passa a ajudá-lo com misericórdia.

3. A espiritualidade do caminho e da hospedaria

A parábola narrada por Jesus ocorre em dois cenários. O primeiro cenário é o caminho entre Jerusalém e Jericó. A palavra “caminho” possui no conjunto da obra de Lucas uma importância central. No Livro dos Atos dos Apóstolos os seguidores de Jesus são chamados de “aqueles que pertencem ao Caminho” (At 9,2). O termo caminho parece indicar ao mesmo tempo uma atitude e uma espiritualidade. Pertencer ao Caminho significa colocar-se em missão, ir ao encontro do outro, em suas necessidades, para anunciar o amor misericordioso de Deus por nós. A espiritualidade do caminho nos leva à disponibilidade dos verdadeiros seguidores de Jesus, que assim como Jesus não têm onde reclinar a cabeça (Lc 10,58). Isso exige do missionário um despojamento e uma confiança inabalável em Deus.

Outro lugar citado é a hospedaria, esse lugar é caracterizado pelo cuidado. A hospedaria está a serviço da vida. Ele não encontra a sua finalidade em si mesma, a hospedaria não é lugar de residência fixa, mas temporária. O homem semimorto, após recuperar a saúde, retornará ao caminho. A finalidade da hospedaria é ser um lugar de acolhida, onde a vida é restabelecida. Para o Frei Clodovis Boff, a Igreja do novo milênio há de ser, entre outras coisas, uma Igreja hospitaleira (1997, p.9). Esse ícone da hospedaria pode ser tomado como símbolo da eclesiologia samaritana, na qual a acolhida é a principal característica.

4. Tempo e bens a serviço do próximo

No que se refere ao tempo, o texto apresenta três referências. Elas nos remetem a uma atitude futura: “depois” (Lc 10,34); “no dia seguinte” (Lc 10,35a) e “em meu regresso” (Lc 10,35b). (MOREIRA, 1996, 82) “Também nos tempos dos samaritanos existia, como hoje, uma lógica dominante: ‘Se você pára a fim de cuidar de um desconhecido semimorto,

expõe-se a perder os seus planos, a sua tranqüilidade, o seu tempo, o seu óleo, o seu vinho e as suas moedas’” (USG, 2005, p.154). A lógica do samaritano opõe-se à lógica neoliberal, onde tempo é dinheiro.

A parábola do Bom Samaritano mostra que o cuidado levará um longo tempo. Essa atitude opõe-se à atitude hodierna do imediatismo, onde as soluções devem visar resultados rápidos. O samaritano não absolutiza o tempo, ele tem um plano inicial, mas está subordinado a um valor maior: a vida do próximo. “Os pobres olham-nos, interpelam-nos e esperam que estructuremos o tempo como tempo de Deus e para os irmãos e as irmãs, para realizar aqui e agora o desígnio de Deus na história, construindo um mundo de justiça, de paz e de alegria” (USG, 2005, p.101).

A Parábola mostra que não é apenas o tempo que deve estar a serviço do outro, mas também os bens. Primeiro, o samaritano utiliza o seu óleo e o seu vinho para prestar os primeiros socor-

ros. Com o óleo procura suavizar e proteger a ferida. Com o vinho procura desinfetar as feridas. Tudo o que ele tem coloca a serviço, até mesmo seu animal, serve para fazer o transporte até a hospedaria. Nem mesmo o dinheiro ele retém para si, tudo está a serviço da vida. Sua ética econômica questiona profundamente a postura capitalista neoliberal que vê no capital o novo deus da modernidade.

5. O desafio de humanizar a Vida Religiosa

O texto apresenta oito personagens¹. Esses possuem posições diversas no texto. Já nos referimos a alguns deles, mostrando suas posturas e características. Queremos aqui retomar alguns elementos a fim de poder aprofundá-los com mais detalhes e aplicar à Vida Religiosa. Emerge um desafio constante para todos nós, o desafio de humanizar a Vida Religiosa. Os personagens presentes no texto são: o legista,

Jesus, o homem semimorto, os assaltantes, o sacerdote, o levita, o samaritano e o hospedeiro.

5.1 O legalismo na Vida Religiosa

O primeiro personagem que aparece no texto é um intérprete da Lei, um *legista*, hoje chamaríamos de teólogo. Esse homem tinha o conhecimento teórico da religião e consequentemente um conhecimento teórico de Deus. O seu coração permanecia fechado para a experiência de Deus, por isso, não conseguia transpor as barreiras do legalismo. A sua preocupação estava na teoria, queria saber como é possível herdar a vida eterna (v.25). Não se preocupava com a vida terrena, com suas relações reais, com o convívio dos irmãos, mas na vida eterna.

Tal atitude não nos é difícil encontrarmos em nossas casas religiosas. O legista é o ícone da Vida Consagrada desumanizada. Temos muitos religiosos mais preocupados com a lei, com os preceitos, com as normas, mas totalmente insensíveis para o sofrimento alheio. Bem é verdade que as nossas estruturas antigas

colaboraram para criar um legalismo muito forte dentro da Vida Religiosa. O religioso modelo era aquele que seguia com perfeição as regras da Congregação. Essa postura encontramos hoje não apenas em religiosos idosos, formados naqueles tempos, mas em muitos religiosos jovens, o que é ainda mais preocupante.

A constatação dessa realidade impõe-nos uma revisão de vida, que proporcione novas respostas, novos estilos de vida, que não seja uma mera reforma, procurando esconder as rachaduras, mas que tenha a ousadia de renovar as estruturas, afim de que elas sejam mais humanas.

Impõe-se a nós, pois é este é o desafio, uma revisão, por vezes ousada mas sempre com discernimento, a partir dessa perspectiva, de muitos de nossos modos de relacionamento, de formação, de trabalho, de governo, de vida comunitária, de descanso”. Enfim, “de forma de estilos que não nos permite amadurecer” (IGLESIAS, 2001, p.68).

É importante perceber a intenção que motivava o intérpre-

te da Lei. O Evangelho diz que sua pergunta foi com o intuito de pôr Jesus a prova (v25). Queria experimentá-lo, testar a sua postura, sua pergunta não é sincera, não brota de um coração puro e desejoso de aprofundar-se no conhecimento da vontade de Deus.

É próprio do legalismo petrificar até os sentimentos mais profundos. O legalismo deixa os nossos corações carcomidos pela maldade. Sem um trabalho interior que chegue ao nosso coração é impossível humanizar a Vida Consagrada. O erro do legista não está na sua pergunta, mas na motivação que o conduz. Uma Vida Consagrada humanizada deve se perguntar continuamente sobre as suas reais intenções no seguimento a Jesus.

O segundo personagem é o próprio *Jesus*, também chamado pelo legista de “Mestre”. Ele é o protagonista de todo o enredo (MOREIRA, 1996, p.79). Jesus mostra grande habilidade em conduzir a discussão. Ele havia sido questionado pelo legista, mas conduz a discussão de tal forma que o legista acaba por responder a pergunta feita por Ele. É Jesus que coloca no centro da discussão um homem semimorto. Se o legista

se mostra preocupado com a ortodoxia da Lei, Jesus mostra-se preocupado com a orto-práxis do seguimento.

5.2 Vida Religiosa semimorta

O texto fala apenas que *um homem* descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos assaltantes (v30). Nada sabemos a respeito de seu nome, sua profissão, sua família. Isso é significativo, o Evangelho está nos dizendo que o homem caído é uma pessoa humana e isso basta para que dele sintamos compaixão. O Evangelho não narra que ele fosse uma pessoa justa, honesta, trabalhadora, apenas diz que estava caído no caminho. O amor está livre de condições preestabelecidas, de preferências, de gostos pessoais.

Quem é esse homem assaltado, ferido, semimorto? Sim, podemos dizer, sem medo de nos enganarmos: somos todos nós seguidores de Jesus. É a Vida Consagrada. Geralmente identificamos o homem ferido com os pobres, também eles são, mas precisamos olhar para nós mesmos, perceber as nossas feridas e

assumir a nossa condição de “semimorto”.

O primeiro grande desafio para humanizar a Vida Consagrada é assumir as nossas feridas, é mostrar as nossas dores, é socializar o nosso sofrimento. Isso é extremamente difícil na Vida Consagrada, pois fazê-lo é sinal de fraqueza e de limitação. Não há nada mais de desumano que negar os nossos sentimentos, precisamos assumi-los com coragem, pois como insiste Paulo “quando me sinto fraco é que sou forte” (2 Cor 12,9).

5.3 Vida Religiosa assaltada e assaltante

Quem são os *assaltantes*? Nós mesmos, a nossa concepção de Vida Consagrada, os nossos confrades e co-irmãs, as nossas estruturas, a nossa Congregação... São muitos os assaltantes, eles nos roubam sem que muitas vezes tenhamos consciência disso. Muitos de nossos estilos de vida destroem e anulam em nós mesmos valores humanos irrenunciáveis, que são preciosos para o seguimento de Jesus; além disso,

deformam e desfiguram, mais do que imaginamos, nosso anúncio de Deus (IGLESIAS, 2001, p.65).

Quando ingressamos na Vida Consagrada, muitos de nossas capacidades e até mesmo a nossa personalidade é submetida a uma séria avaliação. Se nos enquadrarmos na “forma”, tudo bem, do contrário teremos que nos adequar. Essa adequação ao que os outros esperam de nós não é bastante traumática.

Nesse processo muitos de nossos dons, capacidades e habilidades, doadas pelo próprio Deus para ser colocados a seu serviço, são reprimidos. A repressão constante gera pessoas infelizes, descontentes com a vida, amarguradas. São religiosos e religiosas semimortos, incapazes de gerar vida em seu redor, pois eles mesmos não a têm. Para humanizar a Vida Consagrada é necessário “recuperar toda a riqueza humana, da qual cada consagrado e consagrada é portador, para o serviço do Reino, aproveitar ao máximo todas as suas capacidades de amar” (IGLESIAS, 2001, p.66).

A Vida Consagrada deve primar pelo respeito à pessoa humana, a

começar pelos seus membros. Ela não pode ignorar a história pessoal de seus membros, nem suas capacidades, nem sua forma de pensar. Ela deve aproveitar essa diversidade para que o Reino de Deus alargue as suas fronteiras.

5.4 Em busca de uma liturgia humanizante

O quinto personagem é o *sacerdote*, como tal ele estava ligado ao Templo de Jerusalém. Sua função ritualista limitava as suas ações. Tocar num semimorto o deixaria impuro, portanto, impróprio para o culto. O sacerdote nos lembra uma dimensão importante de nossa consagração religiosa que é o aspecto celebrativo.

Aqui cabe nos perguntarmos: as nossas liturgias nos tornam mais humanos, nos ajudam a dispor o nosso coração para acolher os nossos irmãos feridos? A oração que fazemos permite superar o legalismo e viver a acolhida? O que é importante em nossas liturgias, o rito ou a vida celebrada?

A humanização vivida pelos consagrados resplandece em suas celebrações, em suas liturgias. A celebração litúrgica passa a ser o grande espaço, onde a vida se torna um louvor ao Deus Criador de todo o universo. A alegria, o júbilo, o contentamento, são partes integrantes de uma liturgia, onde os fiéis desfrutam de uma realização pessoal.

Quando mais a liturgia for humana, tanto mais será divina. A vida de Jesus foi uma liturgia agradável a Deus, sua vida foi tão humana que Ele só poderia ser divino. Em Jesus, o humano e o divino se tocam, juntos entoam um canto de louvor ao Pai, no Espírito Santo, pelo dom da criação.

O *levita* que aparece no texto (v32) tem a mesma postura que o intérprete da Lei, que dialoga com Jesus. Sobre tal posicionamento já refletimos, aqui cabe apenas reforçar a idéia de que o absolutismo da lei nos desumaniza. Assim como o sacerdote que passa no caminho, ele vê o homem caído, mas seu coração não se compadece. Sua fé é alienante, não o compromete.

te com a vida, pois seu coração está petrificado.

5.5 Um coração humanizado e compassivo

O sétimo personagem é o *Samaritano*, a sua atitude corresponde à ação do próprio Deus. Jesus é o Bom Samaritano. O texto aponta para uma pedagogia que brota de um coração humanizado, sensível às dores do próximo. Se por um lado nós somos os caídos no caminho, por outro, recebemos de Jesus a missão de sermos “bons samaritanos” para os nossos irmãos. Trilhando os passos da ação do Samaritano, percebemos que o sentimento de compaixão permite tornar-se próximo dos outros. A compaixão é fruto de um coração humanizado. Ela é uma espécie de termômetro com a qual percebemos a profundidade da nossa humanização.

A palavra compaixão provém do grego *esplagnísthe* ou *splanchnizomai*. “Denota uma realidade física muito humana. Significa

o movimento das entranhas humanas (vísceras, ventre, coração etc) causado pela dor do outro ai ser visto. É um revolver das entranhas humanas” (MOREIRA, 1996, p.42-43). É um sentimento que provém do profundo do ser, de suas entranhas, um sentimento profundamente humano. A Vida Consagrada humanizada é essencialmente compassiva, pois sua ação misericordiosa nasce da contemplação do sofrimento alheio.

5.6 Lugar de restabelecer a humanidade desfigurada pelo desamor

O oitavo personagem é o *hospedeiro*, sua atitude é de acolhida, de compreensão e principalmente de comprometimento. O cuidado imediato com as feridas, quem faz é o Samaritano, mas só esse não é suficiente; o homem caído precisa de um longo tempo para se restabelecer. A comunidade em que vivemos é o hospedeiro, as nossas casas são

as hospedagens, nas quais um dia Deus nos entregou. Elas têm uma missão bem concreta: ser espaço de acolhida onde pudéssemos restabelecer a nossa humanidade desfigurada pelo mundo de desamor.

A hospedagem é o lugar de promoção da vida, onde ela é valorizada e defendida. Essa postura torna a Vida Consagrada um sinal de contradição. “Este inabdicável ser ‘sinal de contradição’, por amor não significa ir contra ninguém. Ao contrário, é ir sempre em favor de todos, especialmente dos mais fracos” (MOREIRA, 1996, p. 71).

6. Reserva ecológica da humanidade

O ícone do Bom Samaritano, sem dúvidas, é uma grande luz para a Vida Consagrada no momento presente. Ele nos ajuda a perceber como é possível tornar o seguimento a Jesus, pela profissão dos conselhos evangélicos, uma espécie de “reserva ecológica da humanidade, isto

é, o espaço humano em que se podem, e devem-se, viver em plenitude valores humanos de verdade, acolhida, simplicidade, participação, alegria, serviço, gratuidade...” (IGLESIAS, 2001, p.73).

A missão primeira da Vida Religiosa é dar testemunho dessa humanidade da qual é profunda conhecedora e propagadora. Esse testemunho irradiará a beleza de ser consagrado. Sabemos que buscar a humanização da Vida Religiosa é dispor-se ao conflito com um sistema de normas e costumes que foram se perpetuando como forma correta de ser religioso.

Notas

¹ A análise dos personagens do texto, bem como a suas atitudes e posicionamentos podem ser encontrados no artigo “A humanização do seguimento de Jesus Cristo a partir da parábola do Bom Samaritano” publicado na Revista Caminhado com o Itepa, ano XXIII. nº 87. Dez 2007, do Grupo de Estudos Teologia e Vida Religiosa, do qual faço parte.

Referencias:

- ALACASTRO, Ricardo Sepúlveda. *O bom samaritano: parábola da solidariedade*. Ribla. São Paulo, Metodista, n. 16, p. 47-56, 1993.
- BOFF, Clodovis Maria. *Uma Igreja para o Próximo Milênio*. Vida Pastoral. São Paulo, Pia Sociedade de São Paulo, n. 197, p.9-15, nov/dez. 1997
- CAMINHADO COM O ITEPA. *Ecologia*. Passo Fundo, Itepa, ano XXIII, Abr.2007. 89p.
- CONGRESSO INTERNACIONAL DA VIDA CONSAGRADA. *Paixão por Cristo, paixão pela humanidade*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- IGLESIAS, Ignácio. *Perguntas à Vida Consagrada: para onde? Para quê? Como? Porquê?* São Paulo: Loyola, 2001.
- MOREIRA, Gilvander. *Compaixão misericórdia: uma espiritualidade que humaniza*. São Paulo: Paulinas, 1996. (Coleção Adultos em Cristo). 98p.
- _____. *Lucas e Atos: uma teologia da história: teologia lucana*. São Paulo: Paulinas, 2004 (Coleção Bíblia em comunidade. Série teologias bíblicas;12). 123p.
- SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis; Vozes, 1994. 269p.